



Texto & Contexto Enfermagem

ISSN: 0104-0707

texto&contexto@nfr.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina  
Brasil

Lucas Breda, Karen

Qual o papel da enfermagem na saúde internacional e global?

Texto & Contexto Enfermagem, vol. 21, núm. 3, julio-septiembre, 2012, pp. 489-490

Universidade Federal de Santa Catarina

Santa Catarina, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71424779001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica  
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## QUAL O PAPEL DA ENFERMAGEM NA SAÚDE INTERNACIONAL E GLOBAL?

A enfermagem tem uma história longa de serviço prestado à comunidade global.<sup>1</sup> Mas será que “serviço” é o único papel necessário para a enfermagem, globalmente? O que dizer da necessidade da enfermagem expandir-se para além do papel de serviço? Neste editorial, eu desafio enfermeiros de todas as localidades geográficas a considerarem o desenvolvimento, a integração e a tessitura do papel de prestador de cuidado clínico de saúde, com o de advogado, artista, ativista estudioso, e cidadão.<sup>2</sup>

O conceito de globalização tem sido muito debatido ao longo das últimas décadas. Em minha opinião, a globalização não é apenas o aumento da comunicação, nem a facilidade global de intercâmbio cultural. Pelo contrário, ela está intrinsecamente ligada ao “desenvolvimento do poder de mercado e à consolidação de instituições econômicas em todo o mundo”.<sup>3,7</sup> A globalização é extremamente vantajosa para alguns, especialmente para os membros das classes ricas ao redor do mundo, enquanto, muitas vezes, é devastadora para os pobres e marginalizados.

A globalização econômica está fortemente relacionada às reformas neoliberais e à pressão para expandir os mercados livres, através do aumento da privatização, desregulamentação e descentralização.<sup>4</sup> No ambiente neoliberal, cortes severos são realizados nas áreas de saúde pública e nos sistemas de bem-estar social, enquanto o setor privado e as empresas capitalistas são privilegiadas. A economia enxuta da década anterior e a austeridade de programas que são empurrados para as nações, pelo Fundo Monetário Internacional e pelo Banco Mundial, são exemplos do incentivo de longa data em direção ao neoliberalismo econômico.

Então, como a enfermagem faz para inserir-se no mundo globalizado, de privilégios e poder econômico, e qual seu papel em prol da saúde global e internacional? A enfermagem, pelo menos nos Estados Unidos, tem voltado muito sua atenção para responder às necessidades de mudanças na saúde, que surgiram como resultado da globalização (isto é, como resultado do aumento de longevidade, obesidade, doença cardiovascular e outras tendências em saúde) e do desenvolvimento da promoção de ações para reverter tendências negativas em saúde.<sup>5</sup> No hemisfério Norte, a enfermagem tem integrado alguns conceitos de saúde global e internacional no currículo de enfermagem. Entretanto, tal inserção tem-se focado na integração dos temas clínicos, como a disseminação global das doenças comunicáveis, a necessidade de intervenções de enfermagem baseadas em evidências, o atendimento das necessidades das populações mais vulneráveis, e abordado questões de diversidade e sensibilidade cultural. Em relação a problemas de saúde que existem ao redor do mundo, a enfermagem, nos Estados Unidos, tem interpretado a saúde global e internacional, principalmente, de uma perspectiva clínica.

A saúde global e internacional, em relação aos temas de saúde clínica, tem colocado ênfase no problema (isto é, na falta de saúde, na doença, na patologia), dando pouca atenção para as causas ou origens da questão (isto é, elementos econômicos, sociais e políticos). Focar nas origens das questões da saúde global e internacional requer uma análise da economia política da saúde e uma compreensão dos assuntos estruturais que existem por baixo destes temas sociais e da saúde. Como podem todos os enfermeiros (que são excelentes em sua prática clínica) expandirem seu papel para se tornarem defensores dos direitos humanos, ativistas políticos, cidadãos engajados e artistas críticos para os assuntos globais? Adquirir tais papéis requer que enfermeiros tenham boa compreensão do processo da globalização e da economia política da saúde, tanto quanto um conhecimento sólido dos direitos humanos e da diplomacia da saúde mundial.

Recentemente foram feitas sérias tentativas no cenário global para priorizar a saúde como um tema político, enquanto aumentava a consciência sobre a conexão entre política estrangeira e saúde.<sup>7</sup> Em 2009, a Assembléia Geral das Nações Unidas publicou uma resolução oficial neste sentido. Também, alguns países já aprovaram seus próprios mandatos. O Brasil, por exemplo, está na vanguarda

desta ação, por apoiar, tanto o conceito de diplomacia da saúde global, quanto a Comissão dos Determinantes Sociais de Saúde da OMS.<sup>7</sup> Além disso, o Brasil e os países da América Latina têm uma história respeitada de empreendimentos internacionais em saúde. No meio dos formidáveis desafios no século 20, “estudantes-ativistas da saúde” da América Latina e do Brasil “desenvolveram corajosas ideias e práticas inovadoras sobre medicina social, saúde coletiva e inclusão do cidadão”.<sup>8:108</sup> Um número significativo de enfermeiros está envolvido nestes esforços por todo o continente sul-americano.

Diplomacia da saúde global é um conceito relativamente recente. É um empreendimento transdisciplinar que mistura e sintetiza conhecimento das áreas de “relações internacionais, cultura e política, com medicina e outras ciências da saúde, para ir além dos limites disciplinares de cada um destes campos”.<sup>9:316</sup> São duas as metas da diplomacia da saúde global: melhorar a saúde global e aumentar as relações internacionais; especialmente, mas não exclusivamente, nas áreas mais necessitadas do mundo.<sup>9</sup> A diplomacia da saúde global trata, entre outras coisas, dos assuntos urgentes dos direitos humanos.

A disciplina de enfermagem está perfeitamente posicionada para engajar seus membros como atores nos esforços pelos direitos humanos e para a diplomacia da saúde global. Enquanto mantém sua posição como provedora profissional de serviços de saúde para a comunidade global, a enfermagem também pode assumir novos papéis. Por exemplo, os enfermeiros, em muitas localidades geográficas, têm a habilidade de fazer parcerias com outros profissionais, em iniciativas transdisciplinares, para melhorar a saúde e reforçar os direitos humanos e esforços em relações internacionais. Também, a longa história da profissão de serviços para a comunidade global, pode crescer e desenvolver-se, e fazer com que enfermeiros assumam novos papéis de liderança “para examinar a saúde no contexto da ordem global do poder político e econômico”.<sup>8:107</sup>

A enfermagem brasileira e Latino-americana tem sólida experiência na defesa dos direitos humanos e uma boa compreensão de saúde e de ação global pró-social.<sup>3</sup> Além disso, os enfermeiros destes países, têm substancial familiaridade com os esforços internacionais em saúde para o reconhecimento das necessidades de justiça social.<sup>8</sup>

Os enfermeiros, tanto no Brasil como na América Latina, podem: 1) servir como modelos para os enfermeiros nos EUA; 2) serem o ímpeto para outros enfermeiros incorporarem tal conhecimento; e 3) ajudar os enfermeiros a desenvolverem os papéis de defensores internacionais e globais de direitos humanos, ativistas, cidadãos e artistas.

Karen Lucas Breda

*Ph.D. Universidade de Hartford, West Hartford. Connecticut, Estados Unidos da América*

## REFERÊNCIAS

1. Leffers J, Mitchell E. Conceptual model for partnerships and sustainability in global health. *Public Health Nursing*. 2011 Jan-Feb; 28(1):91-102.
2. Breda KL, Groot K, Towle A. Developing cultural humility through critical service learning. *Cienci Enferm*. Forthcoming
3. Breda KL. *Nursing and globalization in the Americas: a critical perspective*. Amityville, NY (US): Baywood; 2009.
4. Harvey D. *A brief history of neoliberalism*. New York (US): Oxford; 2005.
5. Bradbury-Jones C. Globalization and its implications for health care and nursing practice. *Nurs Stand*. 2009 Feb 25-Mar 3;23(25):43-7.
6. Carlton KH, Ryan M, Ali N, Kelsey B. Integration of global health concepts in nursing curricula. *Nurs Educ Perspect*. 2007 May-Jun; 28(3):124-9.
7. Gagnon ML, Labonte R. Human rights in global health diplomacy: A critical assessment. *Human Rights*. 2011 May; 10:189-213.
8. Birn AE. Remaking international health: Refreshing perspectives from Latin America. *Rev Panam Salud Publica*. 2011 Aug; 30(2):101-5.
9. Adams V, Novotny TE, Leslie H. Global health diplomacy. *Med Anthropol*. 2008 Oct-Dec; 27(4):315-23.